UNIVERSIDADE FRANCISCANA, CURSO DE LETRAS E EDITORA UFN APRESENTAM

10º concurso literário Prado Veppo 2026



ESCRITA CRIATIVA: CONTO E POEMA

COMISSÃO ORGANIZADORA

ADRIANA CLAUDIA MARTINS

DENIZE DA SILVEIRA FOLETTO

TALITA VALCANOVER DUARTE

editora UFN

UNIVERSIDADE FRANCISCANA, CURSO DE LETRAS E EDITORA UFN APRESENTAM

Prado Veppo



ESCRITA CRIATIVA: CONTO E POEMA

COMISSÃO ORGANIZADORA

ADRIANA CLAUDIA MARTINS

DENIZE DA SILVEIRA FOLETTO

TALITA VALCANOVER DUARTE

UNIVERSIDADE FRANCISCANA - UFN

SANTA MARIA - RS, 2026

Editora UFN
Rua Silva Jardim, 1535 | Prédio 7, Sala 201A
Centro | Santa Maria, RS
97010-491 | (55) 3220.1203

Coordenação Editorial
Fagner Millani
Lucio Pozzobon de Moraes

Capa
Ana Clara Valadão Knebel
Fagner Millani

Projeto Gráfico e Diagramação
Lucio Pozzobon de Moraes

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA | VENDA PROIBIDA

C744 Concurso literário Prado Veppo (10. : 2026 : Santa Maria, RS)
10º Concurso literário Prado Veppo 2026 / Comissão organizadora Adriana Claudia Martins, Denize da Silveira Foletto, Talita Valcanover Duarte - Santa Maria, RS : Editora UFN, 2026.

ISBN: 978-65-5852-591-2 (online)
ISBN: 978-65-5852-594-3 (impresso)

1. Literatura brasileira 2. Conto 3. Poesia I. Martins, Adriana Claudia II. Foletto, Denize da Silveira III. Duarte, Talita Valcanover

CDU 821.134.3(81)-34

Elaborada pela Bibliotecária Eunice de Olivera CRB/10 - 1491

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es). A Editora UFN não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

APRESENTAÇÃO

A PALAVRA COMO LUGAR DE ENCONTRO

> *"Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador"*
> Clarice Lispector, *A descoberta do mundo* (1999, p. 134).

A literatura nasce da necessidade humana de narrar experiências, expressar sentimentos e atribuir sentidos ao mundo. Por meio da palavra, construímos memórias, revisitamos histórias, questionamos realidades e encontramos diferentes maneiras de compreender a existência. Escrever é também um exercício de escuta sensível e de descoberta de si e do outro. Na ponta do lápis ou da caneta, permitimos que aquilo que nos inquieta, emociona ou atravessa encontre na linguagem uma possibilidade de expressão. Nesse movimento, a palavra ganha forma no traçado da criação, reinventa o vivido e revela o indizível, com ou sem rima, permanecendo através do tempo.

A escrita literária exige, portanto, um olhar atento e sensível para aquilo que, muitas vezes, passa despercebido na experiência cotidiana. Quem escreve recolhe fragmentos da vida, das relações, das lembranças e da imaginação, transformando-os em linguagem revestida de novos sentidos. Entre o que se vive e o que se inventa, a literatura constrói espaços de liberdade, nos quais sentimentos, pensamentos e experiências individuais podem alcançar dimensões coletivas. É nesse movimento que a criação literária encontra sua força e singularidade.

Em sua décima edição, o Concurso Literário Prado Veppo, promovido pela Universidade Franciscana (UFN), por meio do Curso de Letras Português e Inglês, em parceria com a Editora UFN, reafirma seu compromisso com o incentivo à escrita criativa e com a valorização de novos talentos literários. Sob o tema "Escrita Criativa: Conto e Poema", o concurso abriu espaço para diferentes vozes, experiências e perspectivas, reconhecendo a literatura como manifestação artística, cultural e humana.

Esta publicação reúne os seis trabalhos classificados nos três primeiros lugares das categorias Conto e Poema. São produções que, embora distintas em suas escolhas estéticas e narrativas, aproximam-se pela sensibilidade com que abordam questões relacionadas à memória, à perda, à identidade, à liberdade, às relações humanas e às desigualdades sociais.

Na categoria Conto, *Quando as borboletas partiram*, de Marcio Gabriel Pereira Velho, apresenta uma narrativa marcada pelo luto, pela ausência e pela difícil reconstrução da vida após uma perda. Em *O dia em que tudo começou*, Alice Irion Moreira explora os limites entre memória, percepção e realidade, conduzindo o leitor por uma experiência de tensão psicológica. Já *Aquilo que ficou*, de Miguel Ketzer Martins Damasceno da Silva, propõe uma reflexão sensível sobre identidade, pertencimento, relações familiares e possibilidades de reconciliação.

Na categoria Poema, *Corta minha liberdade*, de Lara Ghisleni Pippi, expressa, por meio de imagens poéticas, as marcas de uma relação afetiva marcada pelo sofrimento e pela perda da liberdade. Em *O frio*, Valentim Bocacio Guazzelli transforma uma experiência cotidiana em reflexão sobre a vulnerabilidade social e as desigualdades que atravessam a existência humana. Por sua vez, *Onde está você?*, de Pietra Gauer Alves, apresenta uma expressão delicada da saudade, do adoecimento e da dor diante das transformações impostas pelo tempo.

A diversidade temática e expressiva dessas produções evidencia a capacidade da literatura de transformar experiências individuais em reflexões coletivas. Cada texto convida o leitor a percorrer diferentes caminhos de interpretação, reconhecendo na palavra literária um espaço de criação, questionamento e encontro com o outro.

Ao reunir essas obras, a Universidade Franciscana celebra não apenas os autores premiados, mas também todos aqueles que participaram desta edição e confiaram à escrita suas ideias, inquietações e sensibilidades.

Que as palavras aqui reunidas encontrem leitores dispostos a sentir, refletir e imaginar. Se, como nos lembra Clarice Lispector, escrever é também uma busca por compreender e dar forma àquilo que nem sempre conseguimos nomear, os textos desta coletânea representam diferentes maneiras de realizar essa busca. Em cada conto e em cada poema, há uma

tentativa de alcançar o que nos atravessa, de traduzir experiências em linguagem e de compartilhar aquilo que, mesmo sendo singular, pode tocar o outro. Talvez resida justamente aí a força da literatura: fazer da palavra um caminho entre sensibilidades, aproximar mundos e permitir que aquilo que nasce de uma experiência individual encontre morada na experiência de quem lê.

Que esta décima edição do Concurso Literário Prado Veppo celebre, portanto, não apenas uma trajetória, mas a permanência desse gesto essencial: escrever, sentir, imaginar e encontrar, na palavra, novas formas de compreender a nós mesmos e o mundo que compartilhamos.

Agradecemos às comissões julgadoras, à Editora UFN e a todos que contribuíram para a realização desta edição do Concurso Literário Prado Veppo.

Uma excelente leitura a todas e todos!

Comissão Organizadora
10º Concurso Literário Prado Veppo - Edição 2026
Universidade Franciscana - UFN

REFERÊNCIA DA EPÍGRAFE

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

COMISSÃO ORGANIZADORA

Profa. Dra. Adriana Claudia Martins
Profa. Dra. Denize da Silveira Foletto
Profa. Dra. Talita Valcanover Duarte

JURADOS - CATEGORIA CONTO

Evandro Weigert Caldeira
Gabriel Santos de Araújo
João Pedro W. Amaral

JURADOS - CATEGORIA POESIA

Cádia Mara Dorneles Carus
Isabella Martins Fighera
Juliana Machado Pires

VENCEDORES - CATEGORIA POESIA

1º lugar: Corta minha liberdade, de Lara Ghisleni Pippi.
2º lugar: O frio, de Valentim Bocacio Guazzelli.
3º lugar: Onde está você?, de Pietra Gauer Alves.

VENCEDORES - CATEGORIA CONTO

1º lugar: Quando as borboletas partiram, de Marcio Gabriel Pereira Velho.
2º lugar: O dia em que tudo começou, de Alice Irion Moreira.
3º lugar: Aquilo que ficou, de Miguel Ketzer Martins Damasceno da Silva.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

A avaliação foi realizada por uma Comissão Julgadora composta por três membros em cada categoria. Para preservar a imparcialidade, os textos foram apresentados aos avaliadores apenas pelo título e pseudônimo, sem identificação dos autores.

I - Categoria Conto

a) Criatividade e originalidade;
b) Construção narrativa e adequação ao gênero;
c) Construção das personagens e vozes narrativas;
d) Expressividade e recursos estético-literários;
e) Domínio linguístico e elaboração da linguagem.

II - Categoria Poema

a) Criatividade e originalidade;
b) Construção poética e adequação ao gênero;
c) Expressividade e construção de sentidos;
d) Recursos estético-literários;
e) Domínio linguístico e elaboração da linguagem poética.

CRITÉRIO DE EXCLUSÃO

Conforme o item 3.6 do Regulamento do **10º Concurso Literário Prado Veppo - Edição 2026**, o descumprimento de qualquer uma das normas estabelecidas no regulamento implicará a desclassificação do participante.

PUBLICAÇÃO DOS TEXTOS PREMIADOS

Conforme os itens 4.4 e 4.5 do regulamento, os textos classificados em 1º, 2º e 3º lugares de cada categoria integram este livro digital. A inscrição no concurso implica a autorização para publicação desses textos, sem ônus para a Universidade Franciscana, permanecendo assegurados aos autores os direitos autorais sobre suas obras.

CONTOS

QUANDO AS BORBOLETAS PARTIRAM

Marcio Gabriel Pereira Velho

Seminu à janela, ele ensaia seguir com a vida. Entre séries de abdominais que não termina, numa vida que tampouco termina, apenas resiste à tentação de olhar para o chão de concreto três andares abaixo. Nem percebe os arrepios que a brisa desponta tronco acima. Ao redor, a estática dos últimos tempos: vozes entrecortadas, cores difusas - um arremedo. Mais ao fundo, ele e *tudo aquilo* que era incapaz de encarar. A realidade refeita em prisão. Prisão não. Casulo. Do qual não conseguia emergir.

A sala é o coração da casa, o outro costumava dizer, com um sorriso de canto. Por isso, preenchia o espaço com vasos e flores: tulipas, narcisos, rosas, margaridas. Quando os botões abriam, perfume e cores dançavam pelo espaço. Dezenas de borboletas pairavam pelos cantos, como se bastasse um sopro do mundo para trazê-las.

Começara como um gesto. *Dar vida* à *nossa casa*, o outro dissera. Com o tempo, o gesto se tornou rotina, e a rotina, costume. Tudo era desculpa para trazer uma muda nova. Até ele, que nunca tivera paciência para cuidar de nada, precisou admitir o quanto gostava daquilo. Dos pequenos detalhes que envolviam os dois.

Do sorriso quando enfim pegaram a chave com a imobiliária. Da primeira noite juntos, fazendo amor sobre um colchão jogado na sala, sem lençol e sem energia. Vinho barato, uma luminária a pilha, as janelas escancaradas.

Tudo isso antes, é claro. Antes daquele dia. Antes daquela ligação às quatro da madrugada. Depois, livrou-se de tudo. Das flores também. Só não percebeu que, sumindo com uma, perderia a outra. Pelo primeiro verão em três anos, as borboletas não voltaram.

Por isso, tentava. Até a rotina se tornar armadilha. Então bebia, fumava, arrumava brigas. No dia seguinte, desviava de espelhos e pedia desculpas aos conhecidos que ainda restavam. Pedro, sua companhia atual de trago, era o que mais aguentava.

O ar escapa de seus pulmões. *Amanhã*, o pensamento surge. Era sempre assim quando esse dia chegava. Novamente dia 15. Pelos últimos dez meses. Onze agora.

Sorria, ele diz. Um flash estoura. Um sorriso enorme se abre diante da câmera. *Ei, de surpresa não vale! Mas ficou linda.* Ele se inclina para um beijo. Acorda na cama. Na tela do celular, a foto do Natal anterior, na casa da sogra. Ele se senta lentamente. *Você não tem outra escolha.* As mãos apertam o colchão. *Só levanta e vai.*

Encostado no capô reparado do Corsa prateado, devora um cigarro atrás do outro. Não olha para trás. As memórias vêm mesmo assim. As discussões pelas músicas no caminho até algum lugar qualquer. *Cazuza de novo? Você sabe que ele* é *o meu favorito.* O *drive-thru* às cinco da madrugada, batatas fritas e duas cocas, um beijo sob os primeiros vestígios da aurora.

Agora gostaria de ter sido honesto mais cedo.

No caminho, passa na floricultura. Não havia margaridas, apenas lírios. Ele acha tão apropriado quanto um murro no rosto. Ao cruzar os portões cinzentos, estaciona perto da saída. Pega as flores e as velas. Antes de descer, trava com a mão na maçaneta. Está tremendo. É só um pedaço de mármore, se acalma! As palavras ecoam pelo carro.

Ele entra. Mantém os olhos baixos. Sente o cheiro de pedra e cera derretida. Das paredes, retratos desbotados o encaram. Alguns metros à frente, na gaveta de baixo. Ele agacha. O pó gruda-se na calça e nas mãos molhadas.

Então ergue os olhos.

Rafael. 1998 - 2024.

Simples assim. Uma vida inteira comprimida numa lápide. A única pessoa que havia. *Que houvera.* Ele se lembra: *Eu vou cuidar de você e você cuida de mim. Vai ficar tudo bem agora.*

Na escuridão do jazigo, desmorona.

Chora pelos *eu te amo* velados. Pelo tempo desperdiçado. Mas, principalmente, pela última noite. *Hoje não, amor, perdão. Pode ir sem mim. Prefiro ficar sozinho.* E, naquele momento, realmente preferia. *Você quem sabe. Mas vou pegar o carro.* A resposta recebida já da porta da sala.

Conseguiu o que queria. Estava sozinho.

Aos poucos, as palavras surgem. Ele implora. Barganha. Desabafa. Sobre os últimos tempos, sobre esse desejo desgraçado. Se fugisse. Se pudesse. Se voltasse atrás. Se soubesse antes. Se não fosse. *Se-se-se-se-ses* até restar apenas um murmúrio:

Por favor. Por favor. Por favor...

Quando dá por si novamente, quase não há luz.

Antes de sair, encara a fotografia no túmulo. A mesma do celular. O sorriso reluzindo de um lugar onde não poderia alcançá-lo. Ele toca a foto. *Eu te amo para sempre*, pensa. Mas já não tem mais nada a dizer.

Ele desaba no banco do motorista. Os faróis acesos contra a escuridão que o devora. A tela do celular acende. *Bora pra rua?* É *sexta-feira, seu otário!*, Pedro diz, provavelmente cheirado. *Passo aí em trinta minutos,* ele responde, a voz grave. O outro nem percebe.

Dá a partida. No horizonte, os últimos resquícios de luz que deixa para trás.

Na segunda, sai cedo, barba feita, cabelos limpos, camisa social. Passa direto pelo carro e atravessa o parque a pé. O sol se infiltra entre as árvores. A brisa é leve. Pela primeira vez em muito tempo, sente alguma coisa ressurgir por dentro.

Sabia que seria assim. Como vinha sendo pelas últimas quarenta e quatro semanas. Ele contou. Nunca durava.

Ainda assim, no trabalho, dizem pelos cantos que ele parece melhor. É *difícil, mas a gente segue em frente, né?* Ele concorda. Quase ri. Conversa. Como em muitas outras vezes, percebe que conseguiria caso quisesse.

Deixa-se ficar ali, brincando de castelo de cartas.

Três dias depois, acorda tossindo. O sangue segue. Exausto e febril, a roupa gruda no corpo. Ao sair do banheiro, quase desmaia. Com sorte, apoia-se na parede e derrete até o chão. Está acabado. Sabe disso. Ainda assim, não faz nada.

Do sofá, liga para o trabalho. *Não sei, provavelmente virose.* Desliga. Observa o papel de parede. Depois abre a enorme janela da sala. A brisa entra. Ele acende um cigarro. E, pela primeira vez em meses, sorri. Como o sol que surge entre os túmulos.

As borboletas partiram no último verão, afinal.

O DIA EM QUE TUDO COMEÇOU

Alice Irion Moreira

Sentei-me na cama quando senti sua presença.

Não sei ao certo há quanto tempo isso acontece. No entanto, ela está ali, parada na minha janela, com o rosto quase colado ao vidro, olhando diretamente para mim enquanto as gotas de umidade escorrem pela janela.

Seus olhos estão sem expressão, perdidos. Observo com mais atenção e percebo que em seus lábios há algo novo. Um dos lados está curvado. Um meio sorriso assustador.

Hoje ela está diferente. A mulher da janela, tão familiar, parece estar mostrando que sabe de algo, que está me observando, que preciso prestar atenção nela.

Nas primeiras vezes em que ela apareceu, eu corria para fugir, gritava por ajuda, esperava que alguém pudesse acabar com aquilo. Depois de muitas vezes sem ajuda alguma acostumei com a sua presença repentina e frequente. Sua altura, seu cabelo, sua cor pálida e olhar perdido. Faz uns sete meses que moro aqui, mas hoje ela está diferente.

Ouço uma batida leve na porta e uma voz conhecida:

- Oi Morgana! É a Júlia. Posso entrar?

- Entra.

Júlia é minha vizinha enxerida que está sempre querendo saber coisas sobre a minha vida. Ela me visita todas as quintas-feiras, no mesmo horário, pois deve estar a caminho do trabalho, ou algo assim. Nunca perguntei onde ela mora, nem sei por que ela sempre volta, já que nunca demonstro interesse pelos assuntos dela.

- Dia quente hoje, não é? -diz ela.

- É. Silêncio.

- Ahn… Fiquei com algumas dúvidas sobre nossa última conversa, Morgana. O que você me contou sobre aquele sonho? Tinha uma outra mulher, o Ivan estava lá também, vocês estavam em um carro… o que mais mesmo?

Júlia nunca presta atenção nas minhas histórias. A desagradável mulher sempre pede para eu repetir várias partes novamente. Deve ter algum problema, a coitada. Fico com pena.

- Sim, Júlia. - suspiro. -Éramos eu e Ivan. -Continuo. -Sentamos na varanda conversando sobre os próximos planos. Iríamos viajar para algum lugar no próximo verão e precisávamos iniciar o planejamento. Onde ficaríamos, quanto tempo, quantas refeições e o orçamento limite para cada atividade. Sempre gostei de organizar e planejar coisas, principalmente, quando se tratava de viagens. Ivan nunca gostou desse tipo de coisa. Ele gostava de fazer o que estava com vontade, não importava se precisaria quebrar algumas regras ou leis. -Júlia segue atenta escutando a mesma história que já contei semana passada.

- No sonho, decidimos sair para comer algo, o que fazia sentido, já que nesses seis anos de relacionamento, sair para um lugar diferente fazia parte da nossa rotina.

Ele nunca me deixava dirigir. Dizia que eu era desleixada e que eu não iria cuidar do seu carro idiota. No sonho, não entendia muito o que ele falava, soava arrastado, lento. Parecia que ele havia bebido demais durante o dia, como sempre.

- EU TÔ BEM! - falou ele aos berros, me empurrando. - Eu vou dirigir e acabou!

Lembro que cogitei ficar em silêncio, como geralmente fazia na vida real. Torcer para que tivéssemos sorte, novamente, que a polícia não o visse, que ele tornasse a ser como eu o conheci. No sonho, decidi que estava cansada. Agora seria diferente.

- Eu vou dirigir! Deixe de ser egoísta e me entregue a chave. - disse eu, insistindo em discutir com ele.

- Se encher meu saco mais uma vez... - seguiu ele em direção ao carro.

- Você não está bem! - Gritei. - Vamos, Ivan. Escute o que eu digo e me deixe dirigir.

- Diminuí o tom, sabendo o que poderia vir após minha insistência.

- Vou deixar você aqui no meio do nada se não entrar nesse carro AGORA! - disse ele, já ligando o carro.

Eu estava atrás do veículo. Quando ele falou a última palavra, percebi que a discussão havia chegado ao limite. Seu rosto se contorcia naquela feição que eu já conhecia. Ele não era mais o meu Ivan.

Entrei no carro em silêncio. Mas sabia que a discussão não havia acabado.

Ivan repetia, entredentes, que não aguentava mais, enquanto me empurrava diversas vezes.

Havia atingido o limite. Entre gritos e murros dentro do carro, percebi que havia uma curva muito fechada à frente. Ivan estava reclamando do quanto eu "me metia" em tudo que não era da minha conta e afirmando que tornei sua vida um inferno.

- Em casa vou resolver tudo e as coisas vão mudar. Ah, vão! - diz ele.

Não era verdade. Era para o bem dele. Era para o nosso bem.

- IVAN!

A curva era muito estreita. Ivan estava sem cinto. Eu estava tentando evitar que caíssemos no vão da estrada. Tentei fazê-lo parar. Giramos várias e várias vezes. Os itens que estavam no carro foram lançados para todos os lados. Tudo não passava de um borrão. Meu estômago doía. Um gosto azedo na boca e uma dor de cabeça excruciante. O carro parou.

Escuto a voz de Júlia ao fundo. -Na vida, acontecem coisas que pareciam impossíveis até acontecer. Você deve ter ficado assustada... O que você lembra deste momento do carro? Por um momento, encaro Júlia.

Percebo que alguém está cortando grama em algum lugar aqui perto e penso em como seria bom ter uma casa com gramado, mas deve dar um trabalho danado para manter baixinha. Eu poderia ter um cachorro.

- Morgana? - diz a vizinha.

- Não sei o que você quer que eu diga.

- Não lembra? - segue ela.

- Lembro. Sim. - suspiro. - Lembro que olhei para Ivan no momento em que o carro parou. O cheiro forte. Sangue em diversas partes do rosto e roupa. Ele estava desacordado. Vivo.

Tentei encontrar o celular para ligar para alguém. Quem eu poderia chamar? Ele não ia gostar de saber que chamei meus pais. Minha mãe saberia o que aconteceu.

Ouvi um som abafado vindo de Ivan. Mas, assim que olho para ele, já não havia mais tempo. Duas enormes luzes em nossa direção. A colisão iminente. O impacto violento. O cinto cortando o meu peito.

Sabia que tudo havia acabado.

Sinto o vômito subir na minha garganta e descer rapidamente. Parecia que estava sonhando novamente.

Por alguns longos minutos, fiquei tão focada em contar o sonho para Júlia que perdi a noção de onde estava. Tentei reconhecer minha casa.

Uma pequena mesa com suporte ao lado da cama e janelas com cortinas brancas. Um cheiro forte de produto de limpeza. Uma poltrona azul ao lado da janela. Percebi que alguém estava falando comigo. "Acidente... ferimentos…não resistiu." .

Novas lembranças do sonho aparecem.

Havia um quarto vazio. Vários cochilos, médicos diferentes, homens de uniforme, minha mãe. Sentia muita dor no pescoço e nas pernas. Então, eu a vi pela primeira vez. A mulher da janela. Mudei-me para cá desde então.

Ultimamente, a visita dela era mais frequente e mais vívida. Hoje a imagem não parecia tão embaralhada como das outras vezes. Ela sabe de algo.. ou ela fez algo.

Começo a me sentir tonta. À medida que parei de focar em sua silhueta, consegui ver dois homens do outro lado da janela. Estavam conversando, agitados. Olhavam para minha janela. Quando perceberam que os vi, acenaram. Ah não.

Júlia saiu pela porta dizendo que logo estaria de volta. Já vai tarde e espero que não volte. Os homens começaram a mover-se em minha direção.

Ah não.

Voltei para a minha cama correndo para fingir que estava dormindo e para tentar me recompor. O que estava acontecendo?

Aos poucos, comecei a ouvir um murmúrio se aproximando de minha porta.

- Sim, Dr. Dumont. Este mês fará três anos do tratamento da Sra. Morgana conosco e acredito estarmos fazendo um grande avanço. - Uma voz feminina. Espera. Não pode ser. Júlia? O que a Júlia está fazendo com

eles? - A equipe está otimista. Ela está reconhecendo a alucinação e tem revelado mais detalhes sobre aquele dia. - segue ela.

Três anos? Estavam falando de outra Morgana.

- Que ótimo, Dra. Becker! Então ela já consegue falar sobre o dia em que tudo começou? - falava baixinho, mas eu ouvi. - O dia em que ela provocou o acidente?

AQUILO QUE FICOU

Miguel Ketzer Martins Damasceno da Silva

O homem olhava ao redor como quem tentava reconhecer alguma coisa. Não reconhecia.

Tinha vinte e nove anos, cabelos pretos cortados curtos, quase à maneira militar, e olhos cor de mel que pareciam destoar da expressão fechada. Havia alguma dureza em seu rosto, não exatamente de quem era frio, mas de quem aprendera a não deixar muito escapar.

Sentou-se no banco e passou as mãos pelo rosto, procurando alguma referência que não vinha.

Uma menina de nove anos apareceu ao seu lado e percebeu imediatamente que ele estava perdido. Tinha cabelos pretos, cacheados, compridos e desgrenhados, pés descalços, um short largo e uma camiseta simples. Os olhos cor de mel o observavam sem qualquer constrangimento.

Ela contou que, quando se perdia, procurava um adulto porque adultos sabiam o que fazer. Para ela, isso era uma certeza simples, principalmente porque sua mãe sempre sabia. O homem quase sorriu.

Sentou-se ao lado dela e deixou que a menina conduzisse a conversa. Ela quis saber o que ele queria ser. Escritor, respondeu. Quando descobriu que ele escrevia, concluiu que então ele havia conseguido. Para ela, querer escrever e escrever bastava. O homem sabia que não era tão simples.

A menina falava do futuro como quem ainda não conhecia a palavra impossível. Queria ser professora, veterinária, astronauta. As vontades mudavam a cada minuto, mas nenhuma parecia distante demais.

Em algum momento, percebeu que ele falava pouco. Descobriu que nem sempre tinha sido assim. Crescer havia acontecido.

Talvez tivesse sido isso que acontecera com ele. Crescer não o tornara quem era, apenas o ensinara a esconder quem sempre tinha sido. Durante anos, aprendera a baixar a voz, a ocupar menos espaço, a medir os gestos e as palavras. Aos dezenove, cortou os cabelos, mudou as roupas e saiu de casa. Aos vinte e um, depois de uma briga com a mãe, foi embora outra vez, dessa vez sem voltar.

Não falaram sobre o motivo. Não precisavam.

Anos passaram sem que nenhum dos dois procurasse o outro. A distância, aos poucos, transformou-se em costume.

A menina percebeu que ele ainda carregava a mãe consigo, embora não falasse dela. Quis saber se sentia saudade. Ele sentia. Para ela, a solução parecia simples: deveria voltar.

Ele sorriu sem humor. Não era tão simples. Depois de tantos anos, já não sabia se ainda existia um lugar para ele naquela casa. Quando ela perguntou se era da casa que falava, ele demorou antes de admitir que talvez o lugar que tivesse perdido fosse dentro de si mesmo.

Ela não entendeu. Ele não explicou.

A menina começou a falar da própria mãe, contando como ela sabia quando estava triste, quando mentia, quando alguma coisa estava errada. Para ela, mãe sabia.

O homem ficou olhando para ela. Quis saber se a mãe dela também sabia. Ela não respondeu.

Depois de um silêncio, perguntou se ele tinha medo. Ele tinha. Tinha medo de perder as pessoas.

A menina confessou que tinha medo de barata. Ele riu e explicou, da maneira que conseguiu, que era diferente. Pessoas iam embora.

Ela quis saber se ele havia feito alguém ir embora. Ele baixou os olhos e admitiu que algumas pessoas. Quando perguntou o motivo, ele respondeu apenas que fora por medo.

A menina permaneceu em silêncio por alguns segundos, tentando compreender se o medo também podia fazer alguém ir embora. Podia.

O homem olhou para o relógio. Precisava partir.

A menina ainda quis saber se sua mãe o esperava. Ele hesitou antes de admitir que talvez. Então ela pediu que não demorasse.

Ele deu alguns passos, mas ouviu sua voz novamente. A menina queria ler um livro seu quando crescesse. Ele pensou que, para isso, ela precisaria crescer. Ela garantiu que cresceria e pediu uma promessa. Ele prometeu.

Ela sorriu, mostrando a pequena janela entre os dentes. Ele sorriu de volta e se virou.

Depois de alguns passos, olhou para trás. A menina ainda estava ali.

- TEMOS PULSO!

A voz veio de longe.

Sirenes. Metal retorcido. Vidro espalhado. O carro estava de cabeça para baixo. O homem, preso entre o banco e o volante. No chão, o telefone tinha a tela rachada. A conversa estava aberta.

Mãe.

Havia uma mensagem antiga.

"Onde você está?"

Logo abaixo, um áudio enviado poucos minutos antes. A voz de uma mulher tremia, interrompida pelo choro:

- Filho... eu não sei se você vai ouvir isso. Eu pensei em te procurar tantas vezes. Eu sinto muito. Eu sinto muito por não ter sabido como falar com você. Por ter deixado o orgulho falar mais alto que a saudade. Eu quero que você saiba que eu acredito em você. Eu acredito que você vai ser tudo aquilo que você quiser ser. Eu sempre te amei. E eu confio em quem você é.

O áudio terminou. As sirenes continuaram. O telefone permaneceu no chão, com a última mensagem ainda iluminada.

"Onde você está? "

E, pela primeira vez em anos, ela finalmente tinha uma resposta.

POESIAS

CORTA MINHA LIBERDADE

Lara Ghisleni Pippi

Trancafia-me, então, numa forte torre;
Planta calêndulas da angústia em mim.
Estilhaça-me em cacos nesse jardim;
Com os pedaços, perfura, não socorre.

Apara minhas asas, meu voo morre.
Prisão sentimental, rastro sem fim...
Tornamo-nos um, frieza cor marfim;
Seu consolo é calculado se ocorre.

Adoeci, e medicina foi cortada;
Podou hortelã e ramo de malva
Na exaustão, sem sono na madrugada.

Esse afeto em ruína não me salva...
Esplendor tornou-se dor velada,
Aquela luz que já foi radiante e alva.

O FRIO

Valentim Bocacio Guazzelli

O frio nem sempre é o mesmo,
o frio nem sempre é igual.
Às vezes, chega da pior forma,
sem aviso,
sem nada de sobrenatural,
e, aos poucos, nos devora.

Tem gente que nem casa tem,
enquanto a gente, todo agasalhado,
segue reclamando do frio também,
sem perceber
que há quem enfrente, calado,
a luta diária para viver bem.

Para alguns, o frio é apenas incômodo,
uma estação que passa
e vai embora.

Para outros, porém,
é sofrimento profundo,
que chega sem pedir licença
e deixa marcas lá fora.

ONDE ESTÁ VOCÊ?

Pietra Gauer Alves

Chego em tua casa e estás deitada,
Antes me esperavas, me sorrias;
Hoje a alma é triste, a sala calada,
Onde o passo alegre um dia ouvia.

Tudo vira lembrança acumulada,
O riso e a brincadeira que fazias
São horas que não voltam, já passadas,
Mas fica a esperança nos meus dias.

A doença avança e rouba o teu olhar,
Enquanto eu seguro a tua mão,
Tentando o incerto destino aceitar.

Teu corpo é um navio em calmo alto-mar,
A dor nos consome na solidão,
E o vento da ausência sopra a passar.



TIPOGRAFIA
Garamond

10º concurso literário Prado Veppo 2026



Entre memórias, ausências, afetos e descobertas, a literatura revela diferentes maneiras de sentir e compreender o mundo.

Esta coletânea reúne os seis textos premiados no **10º Concurso Literário Prado Veppo - Edição 2026**, promovido pela Universidade Franciscana (UFN), por meio do Curso de Letras - Português e Inglês, em parceria com a Editora UFN.

Sob o tema **"Escrita Criativa: Conto e Poema"**, as obras exploram experiências humanas que atravessam o luto, a identidade, a liberdade, as relações familiares, as desigualdades sociais e a passagem do tempo. Em diferentes estilos e perspectivas, contos e poemas transformam sentimentos e vivências em expressões literárias que sensibilizam e provocam reflexões.

Mais do que reunir produções premiadas, esta publicação celebra a criatividade, a diversidade de vozes e o poder da palavra como forma de expressão, encontro e transformação.

LETRAS Universidade Franciscana
editora UFN
UFN Universidade Franciscana